

3 + 1

Lá no alto do sol

Gabriela Machado

25.09.26 – 14.11.26

Inauguração | Opening 25.09.26, 18h – 21h

Lá no alto do sol, alguma coisa irrequieta aguardava. Incandescia, ora serpenteante entre os raios emanados pelo corpo astral, ora escondida sob a sua luz cegante. Brincalhona fugidia, coisa que perdurava no tempo a experimentar infinitos feitos; uma aurora laranja-fluorescente, dois cipós-caules abraçados, uma pétala alçando voo de borboleta, um horizonte dormitando por trás da linha do mar, pequeninas montanhas amarelas, uma esfera oracular... Coisa-gênese a refazer-se sempiternamente, no turbilhão do mundo. Pululava em incontáveis formas, repelindo bravamente qualquer rigidez de traço que se atrevesse a limitar a mutabilidade dos corpos. Era cada vez uma nova vida, sempre a mesma vida, encarnando em si a eterna possibilidade do ser.

Parece que é no lastro desse mistério que percorrem os caminhos da prática pictórica de Gabriela Machado. Fustigada pela ânsia de ver o mundo repetidamente pela primeira vez, com os olhos curiosos de quem acolhe as vicissitudes do acaso e as mãos enérgicas de quem compõe a disciplina diária do fazer, a artista recria continuamente a gramática de um experimentalismo próprio. Descompromissado com escola ou tradição, experimentação autorreflexiva, que assume recuos e avanços na mesma medida e pinta incessantemente até que a mágica desperte sobre a superfície da tela. Dos pontinhos que cintilam na crista das ondas, da dança preguiçosa que as folhas ensaiam ao vento ou das cores em vibração numa roda de samba, o seu olhar guarda a memória que, mais tarde, o pulso transforma em imagem luminosa. Em sua prática, mesmo os instantes triviais se apresentam enquanto possibilidade pictórica, brincando no limiar da figuração.

Do Sol, este “divino pintor do universo”¹, vem a luz que, através do seu mediador possível, a cor, faz nascer a pintura — uma procura, sem fim, por encontrar em cada uma das coisas visíveis a sua lembrança astral. Por olhar para o mundo em busca de ver a luz interna que emana de cada um de seus habitantes, vivos ou inanimados; e por “libertar a essência luminosa” de cada ser, fazendo lembrar que tudo aquilo que o habita existe na condição de mimese solar, como recordação dessa luz primordial.² A obra de Gabriela Machado é permeada por reminiscências dessa perene procura descrita pelo escritor Tomás Maia; no olhar atento que a artista lança ao mundo, buscando apreender a vibração solar em seus ínfimos recantos. Nesse metabolismo interno, que porventura poderá incidir sobre o mesmo mistério a que outro escritor, Guimarães Rosa, chamou “o extenso da vida”³, revela-se o substrato que tem alimentado o fazer de

High up in the sun, something restless awaited. It burned, at times winding like a serpent among the rays emanating from the celestial body, other times hidden beneath its blinding light. Something playful and fleeting, enduring through time as it experimented with infinite shapes; the fluorescent-orange dawn, two vine-stems embraced, a petal reaching a butterfly’s flight, an horizon dozing off behind the sea’s limit, little yellow mountains, an oracular sphere... A genesis-thing, endlessly remaking itself in the world’s whirlwind. Bursting in countless shapes, bravely repelling any stiffness of stroke that dares to limit the mutability of the bodies. Each time a new life, always the same life, embodying in itself the eternal possibility of being.

It seems to be in the wake of this mystery that the paths of Gabriela Machado’s pictorial practice unfold. Battered by the restlessness of wanting to see the world repeatedly for the first time, with the curious eyes of someone that welcomes the whims of chance and the energetic hands of who composes the daily discipline of doing, the artist continually recreates the grammar of her own experimentalism. Uncommitted to schools or tradition, self-reflecting experimentation that assumes setbacks and progress in equal measure and paints incessantly until the magic awakens on the surface of the canvas. From the little spots that sparkle on the crest of the wave, the lazy dance that the leaves rehearse in the wind or the colours vibrating in a samba circle, her gaze keeps the memory that, later, the wrist transforms in luminous images. In her practice even trivial instants present themselves as pictorial possibilities, playing on the edge of figuration.

From the sun, that “divine painter of the universe”¹, comes the light which – through its possible mediator: the colour – gives birth to painting, an endless search to find in each visible thing its astral remembrance. To look at the world in search of the eternal light that emanates in each one of its inhabitants, live or inanimate; and to “release the luminous essence” of each being, reminding us that everything that inhabits it exists in a condition of solar mimesis, as a memory of that primordial light.² Gabriela Machado’s work is permeated by remembrances of that persistent search described by the writer Tomás Maia; in the attentive gaze the artist throws at the world, trying to apprehend the solar vibration in its deepest corners. It is revealed in that internal metabolism – that can possibly focus on the same mystery to which Guimarães Rosa called “the extensive of life”³ – the substrate which has fed the act of creating of a number of artists over time. A compromised and stubborn not-knowing, a way of engaging that implies a permanent state of enchantment with

3 + 1

um número de artistas através do tempo. Um não-saber comprometido e obstinado, um modo de relação que implica o estado permanente de encantamento do mundo — características manifestamente presentes na prática da artista.

Contudo, não deixa de ser curioso que a sua pintura e o seu desenho não correspondam a uma imagem expectável do mundo e que o seu traço permaneça vacilante, qual seja o suporte em que escolha trabalhar — tendencialmente a tela e o papel, e, por vezes, o barro. Que as cores ensaiem encontros e desencontros entre vagas irregulares, a tinta se expanda sem restrições nem balizas e o pincel coreografe movimentos irrestritos dá-se porque, antes de um ímpeto representativo, a sua pintura (ou desenho) expressa uma força generativa; não é a função projetiva que almeja, mas a sua própria difusão¹, à implosão da forma. Mesmo quando, em trabalhos mais recentes (ausentes nesta exposição), contornos reconhecíveis ressurgem no plano pictórico, fazendo transparecer certa vontade reconstrutiva, permanece latente o impulso vital da abstração, como se fosse uma disposição intrínseca das formas exceder a si mesmas. De tal reversibilidade, que possibilita transmutações cíclicas, surge o caráter ambigualmente perene e transitório do trabalho de Gabriela Machado.

Nesse ensejo, a sua prática parece querer alcançar uma existência prolongada, demorando-se no contínuo exercício de fazer-se e refazer-se. Impõe, assim, um desafio ao próprio tempo, à ideia deste enquanto entidade fixa e linear, e à aceleração do presente. Ajuda a desestruturar a retórica que encerra o fazer artístico em um pressuposto progressivo e retilíneo, acolhendo a dúvida, os recuos e o desconhecido. No debruçar-se, ao longo de anos a fio, sobre as pinturas, a repintá-las, apagando as impressões outrora fixadas para recobri-las com um novo céu ou um novo desabrochar; nesse ofício que certamente faz lembrar outras vivências contadas pela História da Arte — como aquela do desertor impressionista cuja obra ajudou a fundamentar a poética relação acima referida, entre o Sol e o fazer pictórico. No anseio por ver e rever o mundo, sustentando uma permanente frescura no olhar, Gabriela Machado compõe diariamente o seu repertório.

E quando os ventos começam a trazer dias não tão solares, a sua pintura se oferece como acalanto.

the world – qualities clearly present in the artist's practice.

Nevertheless, it is interesting that her paintings and drawings do not correspond to the expected image of the world and that her stroke remains hesitant, regardless of the support she chooses to work with – usually canvas and paper, and sometimes clay. The colours rehearse encounters and miss encounters in between irregular waves, the paint expands without constraints or boundaries, and the brush choreographs unrestricted movements. This happens because, more than having a representative will, her paintings (or drawings) express a generative force; it does not aim to project, but to diffuse itself², to implode the shape. Even when, in more recent works (not present in this exhibition), recognizable outlines surface in the pictorial plane, denoting a certain reconstructive will, the vital impulse of abstraction remains latent, as if the shapes had an intrinsic disposition of exceeding themselves. It is from this reversibility – that makes possible cyclical transmutations – that the ambiguously perennial and transitional character of Gabriela Machado's work comes from.

In this context, her practice seems to want to reach a prolonged existence, taking its time in the continuous exercise of creating and recreating itself. Imposing, then, a challenge to time itself, to the idea of it as a fixed and linear entity, and to the acceleration of the present. It helps to de-structure the rhetoric that closes the artistic act in a progressive and straight presuppose, welcoming the doubt, the setbacks and the unknown. In leaning through the years over the paintings, repainting them, erasing the impressions formerly fixed to rediscover them with a new sky, a new blossom; in that labour that certainly reminds oneself of other experiences told by Art History – like the one about the impressionist deserter whose work helped to justify the poetic relationship mentioned above, between the Sun and the pictorial act. In the restlessness of visiting and revisiting the world, holding a permanent fresh gaze, Gabriela Machado composes her repertoire daily.

And when the winds start bringing the less solar days, her painting offers itself as a comfort.

Paula Ferreira, 09.26

Notas:

^{1,2} Sobre a relação entre o Sol e a pintura, a partir da obra de Paul Cézanne, ver: MAIA, Tomás. *Incandescência*, Documenta e Atelier-Museu Júlio Pomar, 2015.

³ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

⁴ MARTINS, Sérgio. *Tunga: Museu De Arte Do Rio* [Artforum Review].

Notes:

1, 2 On the relationship between the Sun and painting, based on the work of Paul Cézanne, see: MAIA, Tomás. *Incandescência*, Documenta e Atelier-Museu Júlio Pomar, 2015.

3 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. Loose translation.

4 MARTINS, Sérgio. *Tunga: Museu De Arte Do Rio* [Artforum Review].

3 +1

Gabriela Machado (Joinville, Brasil, 1960) vive e trabalha no Brasil. A sua pintura, escultura e o seu desenho busca inspiração naquilo que a rodeia e em composições estéticas do dia-a-dia. Paisagens e naturezas mortas encontram a sua forma através do uso de pinceladas intensas, cores luminosas e escalas contrastantes. Obteve licenciatura em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Santa Úrsula. Completou diversos cursos de pintura, desenho, estúdio livre, gravura em metal, litografia e outras disciplinas teóricas na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, bem como cursos DE Estética e História da Arte lecionados por Ronaldo Brito na UniRio e PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica). Expõe regularmente no Brasil e internacionalmente desde 1987. Exposições selecionadas: *Constelações*, curadoria de Claudia Saldanha, Ivair Reinaldim, Aline Silva, Emmanuele Russel, Sandra Mazzoli e Sofia K., Paço Imperial, Rio de Janeiro (2026); *A Tela Insurgente*, com curadoria de Antonio Gonçalves Filho, Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil (2025); *Pintura sem fim*, Brotéria, Lisboa, Portugal (2023); *Terreirinho_*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2023); *Na Roda*, 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa, Portugal (2022); *Para todos os mares*, Galeria Anita Schwartz, Rio de Janeiro (2020); *Todas as cores da Estrela*, Galeria Celma Albuquerque, Belo Horizonte (2018); *Pequenas Pinturas*, Galeria Marcelo Guarnieri, São Paulo (2018); *Um momento*, 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa (2017); *Em polvorosa - Um panorama das coleções do MAM Rio*, curadoria de Fernando Cocchiarale e Fernanda Lopes, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro (2016); *Do Barroco ao Barroco - está a Arte Contemporânea*, curadoria de Maria de Fátima Lambert e Lourenço Egreja, Casa da Parra, Museu Guerra Junqueiro, Porto e 17a Bienal de Cerveira, Santiago de Compostela, Espanha (2016); *Os Jardins de Lisboa em Gabriela Machado*, Instituição Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa, Portugal (2011); *Doida Disciplina*, curadoria de Ronaldo Brito, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2009); Neuhoft Gallery, NY, EUA (2003); e *Calming The Clouds*, curadoria de Mallin Barth, Tiftelsen 3,14, Bergen, Noruega (1999). As suas obras integram coleções públicas internacionais tais como: Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil; Fundação ECCO, Brasília, Brasil; Centro de Cultura Patrícia, Galvão/Secretaria de Cultura de Santos, São Paulo, Brasil; Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, Brasil; Centro Cultural Cândido Mendes, Rio de Janeiro, Brasil; Fundação Castro Maya/Chácara do Céu, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte Santa Catarina/Fundação, Catarinense de Cultura, MASC, Brasil; Instituto Brasileiro de Arte e Cultura/IBAC, Rio de Janeiro, Brasil; Arizona State University Art Museum, Arizona, EUA; Squire, Sanders & Dempsey, Arizona, EUA; Vasco Collection, PT; entre outras coleções privadas no Brasil, em Portugal, Austrália, Reino Unido, Noruega, Bélgica e em vários estados dos EUA (New York, Washington, Colorado, Califórnia e Arizona).

galéria@3m1arte.com
www.3m1arte.com

Gabriela Machado (Joinville, Brazil, 1960) lives and works in Brazil. Her paintings, sculptures and drawings tap into the artist's surroundings and aesthetic compositions found in everyday life. Landscapes and still-life find their form through intense brush strokes, luminous colours and contrasting scales. She holds a bachelor's degree in Architecture and Urbanism from Universidade de Santa Úrsula. She completed her training in painting, drawing, free studio, metal engraving, lithography and other theory courses at Escola de Artes Visuais do Parque Lage, as well as a course in Aesthetics and Art History taught by Ronaldo Brito at UniRio and PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica). She has exhibited regularly since 1987 in Brazil and internationally. Selected shows include: *Constelações*, curated by Claudia Saldanha, Ivair Reinaldim, Aline Silva, Emmanuele Russel, Sandra Mazzoli and Sofia K., Paço Imperial, Rio de Janeiro (2026); *A Tela Insurgente*, curated by Antonio Gonçalves Filho, Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil (2025); *Pintura sem fim*, Brotéria, Lisbon, Portugal (2023); *Terreirinho_*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brazil (2023); *Na Roda*, 3+1 Arte Contemporânea, Lisbon, Portugal (2022); *Para todos os mares*, Galeria Anita Schwartz, Rio de Janeiro (2020); *Todas as cores da Estrela*, Galeria Celma Albuquerque, Belo Horizonte (2019); *Pequenas Pinturas*, Galeria Marcelo Guarnieri, São Paulo (2018); *Um momento*, 3+1 Arte Contemporânea, Lisbon, Portugal (2017); *Em polvorosa - Um panorama das coleções do MAM Rio*, curated by Fernando Cocchiarale and Fernanda Lopes, Museum of Modern Art, Rio de Janeiro (2016); *Do Barroco ao Barroco - está a Arte Contemporânea*, curated by Maria de Fátima Lambert and Lourenço Egreja, Casa da Parra, Museu Guerra Junqueiro, Oporto and for the 17th Bienal de Cerveira, Santiago de Compostela, Spain (2016); *Os Jardins de Lisboa em Gabriela Machado*, Instituição Carpe Diem Arte & Pesquisa, Lisbon (2011); *Doida Disciplina*, curated by Ronaldo Brito, Caixa Cultural, Rio de Janeiro (2009); Neuhoft Gallery, NY, USA (2003); and *Calming The Clouds*, curated by Mallin Barth, Tiftelsen 3,14, Bergen, Norway (1999). Her works are represented in public collections such as: Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte (Brazil); Fundação ECCO, Brasília (Brazil); Centro de Cultura Patrícia, Galvão/Secretaria de Cultura de Santos, São Paulo (Brazil); Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro (Brazil); Centro Cultural Cândido Mendes, Rio de Janeiro (Brazil); Fundação Castro Maya/Chácara do Céu, Rio de Janeiro (Brazil); Museu de Arte Santa Catarina/Fundação, Catarinense de Cultura, MASC (Brazil); Instituto Brasileiro de Arte e Cultura/IBAC, Rio de Janeiro (Brazil); Arizona State University Art Museum, Arizona (USA); Squire, Sanders & Dempsey, Arizona (USA); Vasco Collection (Portugal); amongst other private in Brazil, Portugal, Australia, UK, Norway, Belgium and various states in the USA (New York, Washington, Colorado, California and Arizona).

Largo Hintze Ribeiro 2E-F, 1250 - 122 Lisbon
Portugal +351 210 170 765

3 + 1

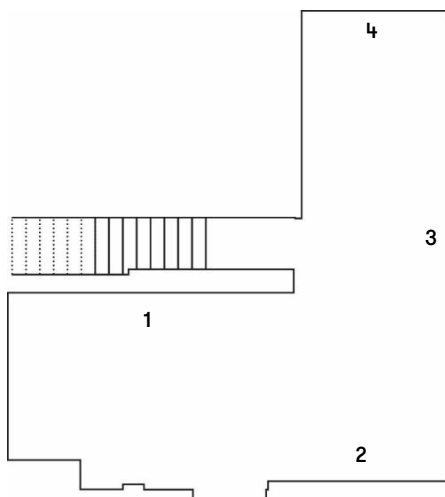
Lá no alto do sol

Gabriela Machado

25.09.26 – 14.11.26

Inauguração | Opening 25.09.26, 18h – 21h

GALERIA | GALLERY 1



1. Sem título | Untitled, 2025

Acrílico sobre papel | Acrylic on paper, 224 x 166,5 x 6 cm

2. Sem título | Untitled, 2025

Acrílico sobre papel | Acrylic on paper, 214 x 166,5 x 6 cm

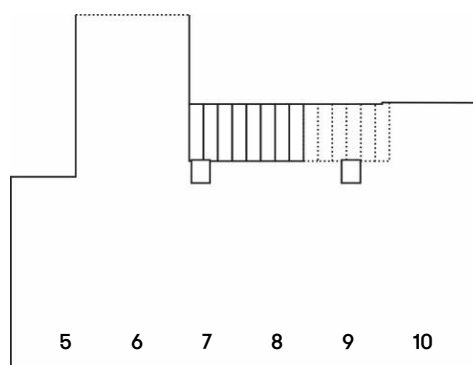
3. Sem título | Untitled, 2025

Acrílico sobre papel | Acrylic on paper, 214 x 166,5 x 6 cm

4. Sem título | Untitled, 2025

Acrílico sobre papel | Acrylic on paper, 214 x 166,5 x 6 cm

GALERIA | GALLERY 2



5. Sem título | Untitled, 2025

Acrílico sobre papel | Acrylic on paper, 112 x 83,5 x 4 cm

6. Sem título | Untitled, 2025

Acrílico sobre papel | Acrylic on paper, 112 x 83,5 x 4 cm

7. Sem título | Untitled, 2025

Acrílico sobre papel | Acrylic on paper, 112 x 83,5 x 4 cm

8. Sem título | Untitled, 2025

Acrílico sobre papel | Acrylic on paper, 112 x 83,5 x 4 cm

9. Sem título | Untitled, 2025

Acrílico sobre papel | Acrylic on paper, 112 x 83,5 x 4 cm

10. Sem título | Untitled, 2025

Acrílico sobre papel | Acrylic on paper, 112 x 83,5 x 4 cm

Agradecimentos | Acknowledgements

Projecto de expografia | Exhibition design – Laercio Redondo & Birger Lipinski

galeria@3m1arte.com
www.3m1arte.com

Largo Hintze Ribeiro 2E-F, 1250 – 122 Lisbon
Portugal +351 210 170 765